

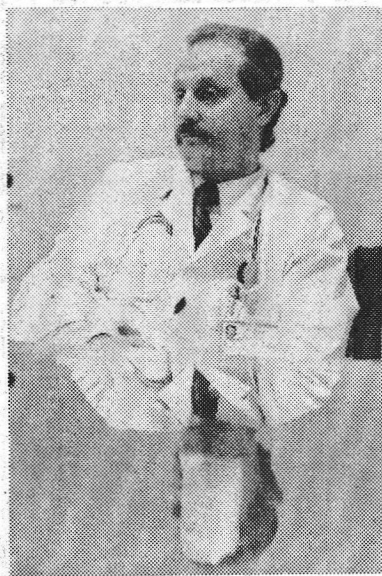
Coração também sofre pelo bolso

O vírus da crise pode afetar o organismo do brasileiro de várias maneiras. Seu resultado, porém, é sempre o mesmo: o stress, tensão nervosa cotidiana que afeta desde o batimento cardíaco até o funcionamento do aparelho digestivo. Quando os meios de comunicação noticiam, por exemplo, que a inflação do mês superou 25%, o coração de um assalariado ou de um executivo pode chegar à marca das 200 batidas por minuto. Essa arritmia cardíaca é provocada pela descarga excessiva no sangue de adrenalina, uma substância produzida pelas glândulas supra-renais que é despejada na corrente sanguínea em momentos de grande tensão emocional.

“A adrenalina tem o efeito de contrair as artérias, tornando-as mais susceptíveis à formação de placas de gorduras, responsáveis pela obstrução da corrente sanguínea”, explica o cardiologista Ari Timerman, chefe do setor de emergências do Instituto Dante Pazzanese de Cardiologia. Se a oclusão da artéria coronária for parcial, a consequência é a angina (dor no coração). Caso seja total, vai levar ao enfarte, pois o músculo cardíaco passará a não receber mais sangue oxigenado.

O stress gerado pela instabilidade do País também atua indiretamente no desencadeamento dos problemas cardíacos. “Certas pessoas reagem à situação de incerteza e angústia com maior consumo de bebidas alcoólicas e cigarros, que são fatores de risco permanente para a doença coronariana”, explica Timerman. Além disso, raciocina, a preocupação em aumentar as fontes de renda para enfrentar a desvalorização do dinheiro faz com que o trabalhador sacrifique seus momentos de lazer. “O exercício físico e a prática de esportes diminuem o stress e a sua ausência facilita a elevação dos níveis de gorduras no sangue”, diz o médico.

Para o cardiologista José Antônio Ramirez, do Incor, a relação entre a crise e os problemas cardíacos pode ser comprovada por meio de estatísticas. “Há dez anos, apenas 30% da mortalidade dos brasileiros podia ser atribuída a doenças cardíológicas. A partir do final da década dos 70, esse percentual atingiu 50%”, afirma. Esses números não podem ser creditados, segundo o médico, apenas a



Antonio Costa/AE

Timerman: crianças também

fatores sócio-econômicos. “Mas a sua influência é indiscutível”, afirma.

VÍTIMA INFANTIL

O stress também é o inimigo número 1 do aparelho digestivo. “A tensão nervosa continua aumenta a secreção do ácido clorídrico produzido pelas células do estômago, correndo suas paredes”, explica Thomas Szegő. O resultado pode ser a gastrite (inflamação do tecido que re-

veste o estômago) ou até o surgimento de uma úlcera. “O que a gente nota é que, quando existe crise, começam a aparecer mais pessoas com dores de estômago”, afirma ele. Sempre que Szegő levanta a história de seus pacientes, as queixas mais comuns são “não existe político sério”, “votar em quem para presidente?”, ou “o que vai ser de nós?”.

Sem saber traduzir suas preocupações em frases desse tipo, as crianças também se tornaram frequentadoras assíduas dos consultórios especializados em problemas gástricos. Essa realidade constatada por Szegő é interpretada pelo médico como um subproduto da situação de intranquilidade social: “De uns tempos para cá a criança está se transformando em um pequeno adulto, massacrado pela impaciência e instabilidade familiar”.

Além do perigo do enfarte e da úlcera, a saúde do brasileiro está sendo ameaçada por um outro fantasma, também provocado pelo stress. A insônia ronda as noites de muitos pacientes do neurologista Conrado de Azevedo Souza. “A pessoa vai deitar e começa imediatamente a idealizar soluções para os seus problemas, não conseguindo dormir”, conta ele. Para o médico, essa ansiedade que impede o sono pode transformar-se em uma neurose situacional. “É aquela fase em que tudo dá errado”, explica.

Pela interpretação do neurologista, uma boa parte das pessoas atravessa hoje uma situação crônica de desarmonia, decorrente da realidade do País. “Vivemos uma época de incertezas, e o ser humano tem medo de mudanças”, diagnostica. O alívio para essas angústias é encontrado muitas vezes numa fórmula censurada pelo médico. “O uso exagerado de calmantes está-se tornando um mau hábito dos brasileiros, cada vez mais dependentes de drogas para solucionar problemas sociais.”

